



Apresentação do Dossiê

Edson Farias¹

1. Pesquisador do *Conselho Nacional de Pesquisa* – CNPq. Professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Sociedade e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB). Coordenador do Comitê de Pesquisa em Sociologia da Cultura da SBS. Membro do Comitê de Patrimônio e Cultura Brasileira da ANPOCS. Editor da revista Arquivos do CMD.



2 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto-análise*. São Paulo : Cia das Letras, 2005.

Dividido em duas partes, publicadas nesta e na próxima edição da revista *Arquivos do CMD*, o dossiê “CMD, 20 anos”, como sugere o título, faz parte das atividades em comemoração às duas décadas do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento. Nas suas duas versões, nele estarão reunidas comunicações apresentadas na edição do XXVI Seminário Interno de Pesquisa do grupo, ocorrido entre 30 de novembro e 02 de dezembro de 2022, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista.

Com nítida inspiração na postura bourdieusina de objetivação do sujeito da objetivação científica, em particular como o sociólogo o realiza ao focar o seu próprio trajeto em *Esboço de uma Socioanálise*², o Conselho Gestor do CMD deliberou, como requisito às apresentações nesse seminário, que as falas deveriam expor, em forma de relato biográfico-intelectual, as respectivas trajetórias formativas dos/as participantes em seus específicos campos disciplinares. A reconstrução dos percursos, porém, deveria se dar à luz do desenho de uma problemática própria de pesquisa, estudos e reflexão reiterada no compasso da atualização desta no encadeamento mesmo de

trabalhos em que se objetiva cada um dos percursos.

Longe de desprezar, no entanto sem o intuito de embarcar nas tantas celeumas que envolvem as reconstruções biográficas nos âmbitos das ciências sociais e historiográficas, a expectativa do Conselho Gestor estava na aposta de que, ao fazer esse desafio aos/às potenciais expositores/as, o resultado obtido seria o traçado de um amplo painel do conjunto de problematizações, objetos de conhecimento e modos de abordagem constituído pelas muitas trajetórias. Bem mais que o que alcance tão largo quanto diverso, possível com a visibilidade adquirida pelos diferentes trajetos, a motivação estava em transcender a justaposição dos percursos. O objetivo era, mediante o quadro discursivo no qual se flagra os vários itinerários intelectuais, tornar visível a síntese em que estão plasmadas as montagens institucional e cognitiva do CMD como domínio de conhecimento realizado simultaneamente nos planos da investigação, produção, circulação, debate e reflexão.

Os resultados não poderiam ser melhores, como poderão ser conferidos nos textos que compõem esta e também a segunda parte deste dossiê.

A concatenação entre o ensaio memorialístico e os esforços monográficos visando embasar e controlar os argumentos defendidos por meio da in-



terpelação de corpus empíricos resultantes de sistematizações de dados, por meio de critérios teórico-analíticos, confere o tom das diferentes reconstruções de trajetórias. O exame das respectivas condições de possibilidade dos específicos trajetos, assim, é parte crucial da reflexividade resultante da vigilância epistemológica possível na medida em que foram levadas à condição do objeto de pensamento, as mediações entretidas no conjunto e em cada estágio dos diferentes percursos. Há, porém, junto do recurso sociobiográfico, manejado nas falas, a intervenção de uma componente não passível de ser ilidida – a saber, a emoção. Desde as “madeleines” na *recherche* proustiana, sabemos estar o exercício mnemônico sujeito às situações desconcertantes, pois estão à mercê do sequestro da faculdade do esclarecimento não somente pelas maquinações imaginativas, sobretudo, devido às consequências não premeditadas do traço involuntário das reminiscências. Com essas, pode-se mergulhar nas águas turvas de uma profundidade densa, àquela dos intensos sentimentos cujas durações desconhecem as fragmentações cronológicas. As coordenadas sistêmicas, em obediência às funcionalidades institucionais, se anteciparam designando as finalidades e critérios aos distintos exercícios mnemônicos que deveriam se objetivarem nas

exposições durante o seminário. As vicissitudes da encomenda feita aos/às expositores/as, entretanto, escaparam ao comando emitido pelo Conselho Gestor do CMD.

Evocados, os cromatismos próprios às experiências remontadas imaginário-discursivamente em cada uma das exposições, tão somente foram performados nas trocas públicas de sentido ritualizadas de acordo com o protocolo daquele seminário de pesquisa. Ao mesmo tempo, para além de matéria-prima e combustível às expressões dos/as participantes, as intensidades próprias às cargas afetivas relativas às durações ali encenadas, estiveram no respaldo elementar do compartilhamento do que foi comungado. Algo assim suscita o acesso à outra dimensão inalienável da história do CMD, mas que não lhe é exclusiva, a saber, a continuidade das reverberações das tantas e muitas das vezes inusitadas afetações provocadas nas dependências mútuas que se estabelecem nas situações de interlocução intelectual.

Para esta primeira parte do dossiê, os textos estão distribuídos na seguinte sequência:

A alternativa para celebrar os 20 anos do CMD encontrada por Mariella Pitombo, em *Ontologias do comum: produção de subjetividades coletivas na dinâmica cultural contemporânea*, retraza a própria

trajetória intelectual, destacando as filiações teóricas e escolhas de objetos de pesquisa, percurso no qual o CMD foi decisivo. Ilustra, para isso, como paulatinamente foi desenvolvendo seus temas de pesquisa de modo a demonstrar o arco analítico que a levou da análise das políticas culturais e suas institucionalidades para a produção de subjetividades coletivas que compõem a esfera cultural contemporânea. A hipótese é de que a tendência da formação destes sujeitos coletivos expressam o sintoma de um tempo marcado pela exaustão do sistema capitalista e pela exacerbção da ética individualista. Portanto, a inclinação para o comum e o coletivo seria uma resposta e uma alternativa para outros modos de vida.

O percurso que a leva do interesse pela prática teatral no Ceará à pesquisa sobre a música popular é objeto de reflexão de Mariana Barreto, em *As formações culturais nacionais e suas inscrições (intra e extra) regionais*. Como ressalta a autora, aquela oportunidade de apresentar uma breve trajetória de seus objetos de pesquisa, e com isto interagir com colegas “realmente muito especiais”, evidenciava as “contribuições dos Seminários nas orientações e reorientações deste percurso”. Conclui consistir em um “relato das extensões e larguezas de visões implicadas em meus trabalhos advindas das circunstâncias

e impressões dos encontros promovidos”. O texto, assim, circunstancia os momentos em que, em fosse na graduação em Ciências Sociais ou já cursando os dois níveis da pós-graduação em Sociologia, definiu as temáticas das respectivas monografia de final de curso, dissertação de mestrado e tese de doutorado no diálogo com a/o professora/or orientadora/a, mestres com os quais interagiu na convivência universitária e deixou indelévels marcas nos desdobramentos dos rumos da hoje pesquisadora.

A proposta de *A herança africana na estética das festas populares e sua participação na construção da sociedade brasileira*, de Alberto Bomfim da Silva, é esboçar uma análise teórica sobre o papel jogado pela estética das festas populares, sobretudo aquelas ligadas à cultura afrobrasileira, na construção sócio-histórica do Brasil. A metodologia compreende a releitura de textos referidos como autores clássicos do pensamento social no país que contribuíram para a ideia de nação brasileira, mais especificamente a que se construiu após a abolição da escravidão. A metodologia da análise conteúdo se realiza no cruzamento dos conteúdos discursivos contidas nas obras sobre tais festas. A conclusão inicial aponta que a memória historiográfica brasileira elidida no século XX, eivada do utilitarismo monocrático da



modernidade, deixou escapar, ou reduziu a importância das festas populares na construção da história do país. Segue-se a hipótese de que o aprofundamento da releitura e análise desta produção intelectual, com a inclusão, nos limites possíveis do rigor dos Estudos Culturais, da perspectiva das cosmologias que compunham a estética das práticas festivas populares, poderá sinalizar outras maneiras pelas quais a estética dessas celebrações populares atravessou a história do Brasil desde o fim da sociedade escravista.

No seu exercício autorreflexivo, em *Sentidos da circulação: trajetória de uma pesquisadora não socióloga na sociologia*, sobre como se constituiu pesquisadora na área da sociologia da cultura, Cleide Vilela dispõe memórias da trajetória profissional e acadêmica e sua interlocução com instituições e modos hegemônicos de construção do conhecimento para compreender o contexto político-social dos estudos da cultura nas primeiras décadas do século XXI no país. Em especial, ela enfatiza a importância das trocas intelectuais com integrantes do grupo de pesquisa *Cultura, Memória e Desenvolvimento* (CMD) para a construção de meu objeto de estudo circunscrito na *circulação cultural e do conhecimento* e seu desenvolvimento durante o doutorado. Por

fim, o texto traz notas sobre a circulação de realizadores/as e obras audiovisuais em festivais internacionais de cinema e seus desdobramentos na produção de significados de cinema(s) brasileiro(s), discutindo o contexto de emergência de novos/as realizadores/as a partir da experiência de circulação de filmes da produtora Filmes de Plástico na mostra *Quinzena de Realizadores* do Festival de Cannes ao mesmo tempo que demonstra sentidos de permanência nos significados do cinema brasileiro ao abordar a experiência de circulação internacional do diretor Walter Salles vinculado à produtora Videofilmes.

O intento de *A volta do exilado à casa da mãe: a memória e conhecimento nos fluxos/deslocamentos nos enquadramentos do pertencer* é refletir sobre as manifestações da dialética do lembrar com esquecer no tocante à biografia do seu autor. Nos rastros de Pierre Bourdieu, Edson Farias se coloca a tarefa de esboçar um ensaio de “autoanálise” tendo por alvo as flutuações entre condicionantes interativos e socioestruturais. A categoria de “enquadramentos do pertencer” é mobilizada, então, para abordar fatores-chaves nos modos como os temas da memória e do conhecimento são postos e deslocados no andamento da carreira de um pesquisador.